

# **A CÉU ABERTO, DE JOÃO GILBERTO NOLL: IDENTIDADE NARRATIVA, BIOGRAFIAS DO CORPO, TRANSGRESSÃO E SUBJETIVIDADES**

Giuliano Hartmann\*

## **Resumo**

A narrativa contemporânea em sua relação com o universo circundante recupera e projeta o mundo sob novas perspectivas, reinventando vidas e experiências, refletindo assim, as necessidades e inseguranças do objeto que a alimenta, ou seja, o homem em sua existência fragmentada. Nesse sentido, esse artigo busca verificar a viabilidade de diálogos possíveis, envolvendo o romance *A céu aberto* (1996), de João Gilberto Noll, e suas relações subjetivas com a experiência mínima do corpo quando parece não haver mais o que narrar. Percorrendo as reflexões de Georges Bataille, Terry Eagleton, Zygmunt Bauman entre outros, o personagem nolliano revela sua única experiência possível na alta modernidade líquida, uma que só pode existir sendo talhada na carne.

## **Palavras-chave**

Corpo; Experiência; Identidade; João Gilberto Noll; Narrativa Contemporânea.

## **Abstract**

The contemporary narrative, in its relation to the surrounding universe, recovers and projects the world through new perspectives, re-inventing lives and experiences, reflecting the needs and insecurities of what feeds it, in other words, the mankind in his fragmented existence. In this sense, this article aims to verify the viability of possible dialogs, in the novel *A céu aberto* written by João Gilberto Noll (1996) and it's subjective relations with the minimal physical experience when there is nothing left to narrate. Exploring the reflections of Georges Bataille, Terry Eagleton, Zygmunt Bauman, among others, the character of João Gilberto Noll reveals his single possible experience in the high liquid modernity, that one which can only exist deep in the human flesh.

## **Keywords**

Body; Contemporary Narrative; Experience; Identity; João Gilberto Noll.

---

\*Departamento de Letras - Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO/Irati - 84500-000 – PR – Brasil. E-mail: giulihartmann@gmail.com

## Introdução

Uma narrativa de batalhas reais e simbólicas, um sujeito absorto na vastidão textual de uma terra sem contornos fixos, essa é a experiência a ser contada pelo protagonista de *A céu aberto*, romance que se nega a qualquer tipo de convenção, não possuindo nenhum tipo de divisão ou estruturação interna, não obedecendo nem mesmo regras e normatizações gramaticais, é apenas uma narrativa que se mostra como um processo contínuo de construção por meio da linguagem. Segundo Manuel da Costa Pinto:

Na obra de João Gilberto Noll há duas personagens fundamentais: uma é o protagonista anônimo que aparece em seus contos e romances; a outra é a própria linguagem. Uma não pode ser dissociada da outra, pois nesse autor radicalmente antinaturalista nenhuma personagem tem dimensão psicológica, não há uma interioridade que se contraponha ao mundo real: tudo é efeito de uma linguagem que reproduz mimeticamente o movimento de deslocamento, de fuga, que está no centro dos diferentes enredos (COSTA PINTO, 2004, p. 119).

Um ser que se repete em múltiplas histórias, mas que é sempre outro e nunca uma sequência de si mesmo. Ele não tem nome e nem biografia a ser contada, é um sujeito de travessia no limite da existência e que reaparece oscilante em *A céu aberto*. Uma voz errante que se nega a qualquer familiaridade ou encarceramento de ordem social, apenas navega por entre as searas da vida contemporânea, recriando simulacros da realidade.

Não há mais uma única fronteira a ser transposta ou respeitada, o mundo globalmente conhecido se tornou uma grande aldeia na qual o sujeito não consegue mais reconhecer a si mesmo senão na transgressão das leis que o sufocam. A narrativa de Noll incorpora o estranho, aquilo que entorpece ou incomoda, suas linhas instauram o esboço do descontentamento, da sensação aniquiladora de se ter uma voz consciente quando o mundo já é total e alienadamente surdo, assim:

Ao povoar os cenários das suas narrativas de marginais, crianças abandonadas, drogados, mendigos, prostitutas, sem-casa e sem-terra, Noll insere a experiência individual e anônima do exílio, da errância, do abandono, da mendicância e da desqualificação na nossa vivência coletiva da modernidade (TREECE, 1997, p. 10).

O universo narrativo de João Gilberto Noll é um mar no qual se navega pelo leme da incerteza. Criaturas que se frutificam na raias da marginalidade e que incorporadas a uma possível realidade social, intensificam a disparidade existente entre a contravenção e o legitimamente aceito. Sujeitos em trânsito que na dinâmica do ir e vir promovem o reflexo de uma sociedade que só se reconhece no movimento, estar parado significa pertencer ao passado e, portanto, tornar-se obsoleto.

Ajzenberg, ao citar Beckett, afirma que “estamos todos à deriva. Temos de inventar um mundo no qual sobreviver, mas mesmo esse mundo inventado está impregnado de medo e culpa. Nossa existência é sem esperanças” (AJZENBERG, 1996, p. 04-07), ou seja, o universo conhecido na perspectiva pós-moderna perdeu sua aura de conforto e segurança, integralidade e pertencimento. A narrativa de Noll se faz na transgressão, ela não respeita o limite das palavras, reluta e vai além do texto. História do absurdo que rabisca e sugere imagens distorcidas no espaço e no tempo, narrativas que se remetem a uma necessária

reflexão acerca do desalento da existência no seio de uma sociedade movediça, imersa em águas condensadas entre o tudo e o nada como reflexo direto e incontestável de vivências que não conhecem outro final senão o de deslocamento do próprio eu.

*A céu aberto* é o romance que no quadro da produção narrativa de Noll evoca a suspensão de sons e formas que se organizam conforme a intensidade e direção do vento, tudo desorganizado e fora de lugar. Terras de lugar nenhum na qual os anônimos se cruzam na tentativa de reconhecimento, seja na semelhança de seus desajustes, em seus reflexos identitários ou nas lembranças perdidas. Um narrador solitário, despido de biografia e mesmo qualquer antecedente, sobrevivente de lugares e obscuras zonas periféricas e que muitas vezes vai buscar no próprio corpo uma forma substancial de linguagem, de representação e experiência fluída, pois “numa sociedade repressiva e conservadora, deixar o corpo rolar com raiva e generosidade (isto é: com paixão) pelos caminhos e vielas de si mesmo, do Outro e da cidade” (SANTIAGO, 2002, p. 72), acaba sendo a única tentativa de promover um estado de consciência em torno da condição alienante do homem que arraigado ao fluxo constante e material da sociedade contemporânea, não consegue mais coadunar o individual e o coletivo. E nesse momento, é o corpo que fala pelos poros: “mas quando vínhamos desses bares portuários eu gozava também com a maior facilidade só de medir o meu pau com o dele, e depois ainda íamos ver onde caíra a porra de cada um, qual delas fora mais longe, o campeão!” (NOLL, 1996, p. 143).

O romance de João Gilberto Noll é uma fonte de reflexão e questionamento acerca da condição e contravenção das subjetividades no bojo da pós-modernidade, uma narrativa que explora lugares inominados para então evidenciar as consequências da vida capitalista na construção dos sujeitos anônimos que percorrem as margens, tentando apenas sobreviver. Assim, o estudo e as tentativas de se entender a identidade do sujeito pós-moderno e sua paulatina fragmentação, são formas de se buscar entender não só o homem e seu mundo circundante, mas também o texto literário como fenômeno e reflexo direto da inconstância que se tornou a vida humana, uma loteria diária na qual os bilhetes nunca estão premiados.

### **O narrador anônimo de *A céu aberto*: fragmentos identitários do corpo**

Ele então veio se levantando e pouco a pouco era novamente aquele soldado sobranceiro, refazendo a expressão de quem misteriosamente maliciava a minha presença ali, o que ia me devolvendo àquela atmosfera indistinta de antes do punhetaço dele, àquela espécie de limbo que dessa vez foi longe demais, a ponto de eu ser sacudido pelo cara com tipo árabe porque eu tinha me cagado e mijado todo sem sentir, tão alheio andara dos clamores comuns da superfície da noite... (NOLL, 1996, p. 51-52).

Uma narrativa de múltiplas identidades, um narrador plural perpassado por várias vozes, um corpo rabiscado nas páginas do romance, uma subjetividade que resiste em cristalizar sua materialidade corporal. Um ser forjado a partir das lembranças, de uma memória que é outra, insolitamente nova, falsa, imaginada, enganosa. Sua vida se mantém apoiada em *flashes* desconexos de um corpo fragmentado, mínimo, uma memória que amadurece fora dos limites temporais e vai se materializando em outras identidades que não são apenas roupas sociais, mas sim incontrolláveis como os impulsos do próprio corpo, desdobrado em si

mesmo, às vezes arqueado, outras inadequado, e quase sempre poroso e escatológico.

Não sendo mais o menor responsável pelo irmão, sentindo-se um pseudo-homem detentor de seus plenos poderes de ir e vir, vai ser transformado no agora da narrativa em um ser no limite da consciência de um mundo que o coloca em situações fronteiriças, entre o querer e o poder à medida que vive o instante e se mostra camaleão entre rótulos e identidades provisórias. *A céu aberto* se oferece como um romance de identidades criadas a partir das sensações corpóreas, se mostra não mais como uma narrativa da recusa de uma única subjetividade, mas como aquela que passa a explorar as sensações experimentadas pelo corpo que também é apto a uma identidade fluída. O narrador em Noll passa a vivenciar seu mundo por meio da própria materialidade, seja sob a forma de transgressão ou na busca da transcendência, a intenção é viver e captar o instante das carapuças sociais.

De acordo com Carreira (2000), em ensaio acerca da transgressão em *A céu aberto*, o romance se constrói fincado na história contada por um narrador cuja identidade é indefinida, com seus relatos despidos de qualquer estrutura e, assim como em outras narrativas, “o texto de Noll parece fundido no que há de mais banal e cotidiano, no que há de mais comum e, assim mesmo, mais distante do que se espera encontrar em um texto literário” (CARREIRA, 2000, p. 02).

Narrativa que se faz literatura, mas que se mostra como outra coisa, relato que se nutre daquilo que as sociedades têm de mais trivial e corriqueiro, o estranho se faz justamente no fato de que nada novo é apresentado, tudo é, ao mesmo tempo, familiar e distante, uma mistura de situações cuja sucessão de fatos, no limite do inverossímil, transporta a narrativa para os vãos existentes entre realidade e fantasia, razão e loucura, o banal é o absurdo vivido pelo próprio corpo, ou seja, o banal em *A céu aberto* é o corpo. Em Noll, há essa memória artificial de um narrador que narra outra coisa que não mais a experiência palpável, apenas sensações. A autora ressalta o valor do transitório nas narrativas nollianas: os protagonistas estão sempre a caminho de algum lugar sem nome, uma jornada na qual chegar ao ponto de destino pouco importa, o que vale é a própria viagem e as impressões do nômade que vaga a esmo e vive o instante:

Não, eu talvez não morra dessa vez. Eu talvez me considere mais esperto que a maioria daqui: saberei me defender melhor, quem sabe cavando à unha um buraco em que me fingirei de morto coberto de macegas, um ponto esquecido na relva onde ninguém pensará em atirar ou jogar bomba.

Mais esperto seria certamente se eu desertasse e fosse para a vida como um indivíduo diferente de mim para não ser reconhecido, Sem precisar ficar dentro de um buraco na terra sabe-se lá por quanto tempo ainda, enfrentando noites e dias gelados ou abrasadores, chuva fina, tempestade – sim, eu saberia desertar de fininho sem que ninguém notasse, entraria no primeiro restaurante à beira da estrada, iria até o banheiro, pediria uma navalha emprestada para fazer a barba, faria um talho na face, me desfiguraria, ta certo, daria uns pontos na pele no hospital ou ambulatório mais próximo, o médico se inclina sobre mim e me pergunta se dói, respondo que não, fecho os olhos e vejo meus companheiros de farda que ficaram lá no campo lidando com a sanha da guerra, apontando armas para o céu (as mãos adolescentes de prontidão sobre o canhão antiaéreo), depois a névoa que os esconde do meu pensamento... (NOLL, 1996, p. 56-57).

Viagem de espaços físicos inominados e paisagens psicológicas deslocadas do tempo. Seu caminho se faz nesse espaço e nos vãos da memória, nos

deslocamentos do olhar, nos multifacetados campos de visão que esse narrador anônimo faz de si e do mundo à sua volta. É um ser errante que está sempre criando, inventando, vestindo tantos outros corpos e personagens sociais, identidades planas em um universo que não dá valor à subjetividade.

Ele vive a guerra, mas não entende os motivos que o levam a isso, ser esse soldado deslocado da vocação estrategista é só mais uma de suas facetas, mais um de seus relatos à medida que tenta se esquivar de um corpo material e se esconde nas malhas da narrativa. Embora viva o abandono da guerra, vincula-se sempre ao mais humanamente banal, sua narrativa se mantém nesse eterno presente, nesse momento vivido como a passagem para o que está além, esse espaço de fuga sem contornos fixos. Nesse momento, de forma proposital ou não, o narrador expõe sua materialidade, seu corpo, pode então mutilar-se, ser outro, vestir outra carapuça identitária como um desertor moldando a própria matéria. Sua subjetividade e suas máscaras feitas de tantos retalhos identitários, expõem essa outra identidade latente no narrador de *A céu aberto*, uma que transgride e que se guia pelas sensações corpóreas, dele próprio ou mesmo do outro, esse grupo ao qual se vincula:

Mas naquela ocasião eu estava de guarda ao lado daquele camarada com tipo árabe e fui de supetão trazido à tona na noite por um langoroso gemido dele, como se o cara tirasse de si um soluço arquejante que só agora com aquela imensidão em volta tivesse condições de ecoar. No começo não entendi o que se passava, ele apresentava frêmitos rápidos e sacudidos, o corpo meio encurvado, e trazia a mão direita na altura do baixo-ventre como se tivesse sido alvejado por uma bala inimiga. Olhei o que esperava ser o ponto ferido, o sangue aos borbotões praticamente cheguei a ver ao dirigir o olhar até ali, mas não era nada disso: o pau do cara estava sendo socado pelo dono com uma inclemência louca, o cabeção parecia arroxeadado feito um complemento da farda, e vi o cara abrir a boca como se fosse dar um grito e vi que a boca se fechou repentina trancando toda a exaltação que dela pudesse sair e vi a porra do cara saltar e aterrisar logo em cima da minha bota e vi o cara de súbito se desmanchar no piso do topo da torre gemendo e chorando baixinho, enrodilhado no pau agora murcho e gosmento... (NOLL, 1996, p. 50-51).

Esse é o momento do corpo, sem tempo para rótulos ou nomeações, estereótipos ou clichês, é simplesmente a matéria corporificada pela linguagem alcançando o ponto de mutação, se transformando em outra coisa. O narrador continua a trazer para si as sensações do outro, assume essa outra vivência, esse gozo camuflado sob o manto de uma sociedade supostamente tolerante.

Segundo Terry Eagleton, no arcabouço do pós-modernismo os indivíduos, de forma escancarada, vivem a era do corpo:

O sujeito pós-moderno, diferentemente de seu ancestral cartesiano, é aquele cujo corpo se integra na sua identidade. De fato, de Bakhtin à Body Shop, de Lyotard às malhas de ginástica, o corpo se tornou uma das preocupações mais recorrentes do pensamento pós-moderno, membros mutilados, troncos arqueados, corpos engalanados ou encarcerados, disciplinados ou ávidos (EAGLETON, 1998, p. 72).

É a era do fetiche, é o apogeu de uma sexualidade que associada ao corpo ganha força, quando “todo mundo mudou da produção para a perversão” (EAGLETON, 1998, p. 72). O corpo tornou-se o ponto de convergência, tudo passa a ser explicado por meio dele, pois ele também é linguagem. Todos os olhares voltados para essa materialidade corpórea, base na qual se assentam as discussões acerca dos problemas sociais e humanos na pós-modernidade. Do universal ao local, o corpo é aquele que tudo sente, sendo um “fenômeno

obstinadamente local, o corpo combina muito bem com a desconfiança pós-moderna em relação às grandes narrativas, assim como a paixão do pragmatismo pelo concreto” (EAGLETON, 1998, p. 73), ou seja, o corpo é a única certeza palpável quando todo o restante do mundo torna-se cada vez mais abstrato.

Para o narrador de *A céu aberto*, tendo sua liberdade coagida pelos ditames do universo social, nada resta senão a linguagem do corpo em suas múltiplas acrobacias. Quando a voz se cala, o corpo se rebela e se assume como essa outra identidade porosa e escatológica advinda da experiência tatuada na carne:

Virei a rodela, fechei o chuveiro. O general afastou a lona que me escondia dele e me mostrou numa das mãos uma farda dobrada, limpa. Espera para vesti-la até te secar, não temos toalha, ele disse. Foi quando olhei para baixo e notei que a calça do general estava descida na altura das coxas e o negócio dele se mostrava em via de empinar. Vem, ele sussurrou me pegando pela mão (NOLL, 1996, p. 52-53).

Esse corpo falante, transformado em linguagem, revela assim essa outra identidade, que ainda não foi nominada, mas que se torna mais material e se entrega aos prazeres. O corpo em Noll reage contra a maquinização social do homem, torna-se um discurso que não se rotula, é imprevisível e, portanto humano, “os corpos constituem formas de falar dos sujeitos humanos sem cair no humanismo piegas” (EAGLETON, 1998, p. 73), é mais prático, objetivo e irônico, não se confunde com qualquer outra subjetividade ou psicologismos de qualquer ordem ou natureza, seu instante é o pontual. Esse é o novo estatuto identitário que gradativamente vai dar forma ao narrador em Noll, é a massa que vai moldando seu físico até esse momento no qual negou qualquer materialidade subjetiva, justamente pelo fato de se sentir apto a assumir todos os papéis no desconexo mapa de sua vida líquida. Nesse sentido, quando todos os outros papéis estão vetados, o corpo em Noll apela para a existência circunstancial vivida pela carne, ou seja, “o indivíduo reduzido a si mesmo tem no corpo residência única do existir” (SANTOS, 2007, p. 40). No escopo do romance nolliano, o corpo resiste usando a linguagem das secreções e excrescências.

O banho, a nova farda, esse general que remotamente lembra o autoritarismo do pai, o contato com a água sugere o renascimento, uma nova postura, uma nova identidade, outro ser. Sendo agora uma identidade que se pauta nas dobras do corpo, seu caminho agora é o limiar das fronteiras e identidades sexuais, navega livre na liquefação de sua paisagem sem contornos.

O corpo perdeu sua sacralidade, deixou de ser o receptáculo do espírito consciente, não há divisão, eles não estão separados, são uma coisa só. O corpo não é consciente porque é habitado por uma alma, mas simplesmente porque diferentemente das coisas e dos seres, o homem tem em si a linguagem, é uma criatura linguística:

Corpos silenciosos não falam, ou pelo menos não se comunicam. O corpo humano se distingue pela capacidade de fazer algo daquilo que os faz, e nesse sentido tem por paradigma aquela outra marca da nossa humanidade, a linguagem, dádiva que leva sempre ao imprevisível (EAGLETON, 1998, p. 75).

De acordo com as ideias do autor, nesse ponto reside a imprevisibilidade desse ser construído e habitado pela linguagem e contrariando as discussões pós-modernas que atestam que o homem é um ser cultural e não natural, ele considera o homem cultural justamente em virtude de sua própria natureza,

“porque todos nascemos prematuramente, incapazes de tomarmos conta de nós mesmos, nossa natureza contém um abismo cavernoso para dentro do qual a cultura deve mover-se de imediato, se não logo morreríamos” (EAGLETON, 1998, p. 75).

Esses são os habitantes à deriva de *A céu aberto*, seres que vivem e se constroem pela linguagem, criatura que absorta em seu universo social vivem seus instantes corpóreos, suas fugacidades identitárias, “até que a porra do general viesse a explodir na minha garganta e a molhar meus dentes e língua” (NOLL, 1996, p. 53). Momentos nos quais apenas o corpo fala e nada nomina dentro das esferas sociais, são situações do submundo, fetiches dos bastidores. Sua vida é a reflexão de um instante:

Estaria eu enlouquecendo no meio daqueles soldados? Engoli um gosto acre, e me veio a impressão de que eu nunca pensara muito nas coisas límpidas que a mente não consegue manipular, mas que essas coisas me chegavam agora e me arrebatavam sem nenhuma virulência e me abasteciam de um suprimento que mais parecia uma refeição vazia, quem sabe uma espécie de soro. Isso com certeza não me afastava propriamente a fome nem muito menos saciava, mas deixava a minha matéria preparada para quando eu precisasse me aproximar do mundo e tirar dele algum sustento ou ação (NOLL, 1996, p. 54).

A primeira transgressão com o próprio corpo e o desespero de se estar tanto tempo em um lugar só, sua matéria precisa de mutação, de novas roupagens identitárias, seu corpo fala é quer a caminhada, quer navegar pelo oceano narrativo de *A céu aberto*, só um eco permanece em sua memória falha: “que fim levou você, meu irmão?!” (NOLL, 1996, p. 54).

Ao abordar a transgressão erótica e corporal em *Hotel Atlântico*, Norberto Perkoski (1994), reitera esse aspecto recorrente da temática em Noll, e que também aparece em *A céu aberto*, como o propulsor que movimenta a narrativa, um personagem condenado à errância da caminhada, sempre

em trânsito, com uma necessidade de se movimentar que parece jamais aplacar-se, sempre à procura de um sentido que o transcende, obscuro, gerador de caos existencial, uma vez que esse sentido nunca se revela totalmente, parecendo, na verdade, inencontrável (PERKOSKI, 1994, p. 111).

Nesse corpo feito de linguagem, mutante e inconstante, algo lateja, sua imprevisibilidade, seus caminhos são incertos, suas histórias, sejam as legitimadas pela parca experiência, ou mesmo aquelas tiradas arbitrariamente dos outros, não saciam sua fome de autoafirmação e pertencimento, sua única saída é nunca parar no caminho. Ele precisa escrever seu próprio trajeto, pois como afirma Eagleton (1998), somente uma criatura feita a partir e dentro da linguagem, pode construir sua própria biografia e escrevê-la nas narrativas da história. Assim, esse sujeito que se faz narrativa e que se faz corpo está fundido, não contempla apático a ideia de ter um corpo e habitá-lo, mas reafirma o fato de ter se transformado em corpo, ele é o corpo. Corpos que se alienam, interagem e se objetificam:

O que será de você?, me pergunta um jovem deitado sujo de graxa que sai de baixo de um caminhão do exército, um mecânico com uma farda camuflada e que se levanta agora perguntando de novo o que será de mim, enquanto eu (com farda camuflada também) me finjo de desentendido e subo na traseira do caminhão entre outros soldados com fardas camufladas que começam a cantar a ‘Canção das futuras montanhas’ enquanto deixo cair a cabeça, fingindo que adormeci na intenção de ficar perguntando no silêncio para onde vamos, para onde vou... (NOLL, 1996, p. 56).

Uma subjetividade que se escamoteando em tantas identidades performáticas não encontra alento nesse ponto fixo, essa guerra que nunca termina e esse espaço ficcional inominado e móvel. Guerra e espaço nos quais tantas outras identidades passam e são transpassadas pela figura multifacetada do narrador.

Os corpos existem na interação e cooperação, “o tempo todo objetificamos nosso corpo e o das outras pessoas, vendo-os como uma dimensão necessária do nosso ser” (EAGLETON, 1998, p. 77), os corpos são objeto e materialidade e, portanto, possuem uma finalidade social e interativa. O autor reitera que,

de modo algum ser um objeto constitui a característica mais distintiva do corpo, mas ela representa o requisito para qualquer coisa mais criativa que ele pode realizar. A menos que você possa me objetificar, não se pode falar de reciprocidade entre nós (EAGLETON, 1998, p. 77).

Eagleton assevera que essa interação estabelecida entre corpos, entre sujeitos deslocados do próprio eixo, mostra nos contornos do pós-moderno a ambivalência de sujeitos não idênticos. O sujeito humanista foi substituído por esse outro que é corpo, que está fora. O liberalismo que impera nas sociedades pós-modernas, leva todos ao fetiche e ao esfacelamento. Não há mais proteção, o Estado que antes era responsável por subsidiar a felicidade humana, agora é distante e a tudo tolera, os sujeitos vivem a era de sua própria individualidade, fechados não buscam mais o bem-estar coletivo, a vida se pauta em uma filosofia de caráter hedonista, todos tentam a felicidade, mas cada um de acordo com suas particularidades, criando assim um paradoxo, “a vida boa tornou-se uma questão privada, enquanto a iniciativa de possibilitá-la permanece pública” (EAGLETON, 1998, p. 79), ou como nos moldes de Bauman (2005), um confronto entre individualidade e pertencimento. Individualidade que tem como base o liberalismo.

O pós-modernismo e suas bandeiras multifacetadas atuaram de forma corrosiva na deterioração dos valores que sustinham a homogeneidade das identidades clássicas. No hoje tudo se transforma com a passagem do vento capitalista:

O sujeito liberal clássico pelo menos lutava para preservar sua identidade e autonomia junto com sua pluralidade, ainda que isso nunca tenha se revelado fácil; agora, numa deterioração drástica desse processo, o sujeito de uma fase mais avançada da sociedade de classe média vê-se compelido a sacrificar sua verdade e identidade em nome da pluralidade, a que passam a chamar ilusoriamente de liberdade. Ou, em outras palavras, o eu de produtividade do capitalismo liberal está cedendo terreno para o sujeito consumista de um estágio posterior daquela mesma história (EAGLETON, 1998, p. 88).

As identidades chegaram ao estágio do não-eu, são postizas, são meras vestimentas do cotidiano, modismos passageiros, “chegamos a um libertarismo sem sujeito, que sugere que o que estava atrapalhando a liberdade do sujeito era nada menos que o próprio sujeito” (EAGLETON, 1998, p. 89). Todos os indivíduos que antes se construía no confronto de alteridades, na produção da própria narrativa histórica, se transformaram em outra coisa, são consumidores de si mesmos enquanto objeto de desejo.

Esse é o projeto do sujeito pós-moderno, livre e ao mesmo tempo determinado por todos os fatores externos, sociais e culturais:

Livre porque constituído até a alma por um conjunto difuso de forças. Nesse sentido, ele é simultaneamente mais ou menos livre que o sujeito autônomo que o precedeu. Por outro lado, a tendência culturalista do pós-modernismo pode levar a um autêntico determinismo: o poder, o desejo, as convenções ou as comunidades interpretativas nos moldam, sem que possamos evitá-lo, a comportamentos e crenças específicas. A desculpa de excesso de determinação não afasta as implicações degradantes disso – que, afinal de contas, integramos sistemas múltiplos e conflitantes em vez de monolíticos, de forma a deixar o sujeito carente de identidade fixa, o que pode vir a confundir-se com sua liberdade (EAGLETON, 1998, p. 90).

A eterna ambivalência que permeia essa vida precária dos habitantes do contemporâneo e suas identidades escorregadias e frágeis. Ele se pauta na negação de si, por isso seus corpos arqueados, quebradiços, esculpido, o corpo é o fetiche que comanda os espaços e ideologias, tudo permitido e tolerado em nome da carne que se torna objeto. Corpo que opera como produto direto dos moldes e coações das esferas líquidas e liberais das sociedades capitalistas. Sujeito de múltiplas identidades provisórias que, em sua alienação não se mostra fora das grandes narrativas da história, mas apenas como reflexo direto do andamento histórico.

Esse é o sujeito absorto nas malhas textuais de *A céu aberto*, esse mar de palavras sem contornos fixos. Ele é esse deslocado que não tendo também nenhum contorno fixo, é um estandarte de tantas identidades, uma espécie de não-eu que olha o invólucro de sua alma e não o reconhece, seu corpo é esse objeto, esse fetiche consumista do outro e de si, objetificando e sendo objetificado:

Olhava em volta e apreciava a praça em frente, uma criança sentada num balanço se impulsionava com cada vez mais assanhamento chegando até a soltar as mãozinhas das correntes, e quando vi sua expressão de horror pela iminente queda eu corri amparei-a em meus braços, apertei-a contra o peito, falei apatetado pela cena que nunca mais que nunca mais...

Com aquela criança contra o peito veio-me à mente o meu irmão pequeno e como ele era quente quando pequeno, parecia em contínua febre, eu andava um pouco em torno à procura de um termômetro mas tudo aquilo não passava de uma atrapalhão pois sem dinheiro nem para comer direito eu correndo pelo pardieiro atrás de um termômetro, pura encenação para quem eu não sabia se estávamos nós dois sozinhos, para o vento dizia um fio de voz que parecia vir da garganta do meu irmão que latejava, sim, o vento sopra e te ouve e te vê acredita, é para o vento que você faz o que faz e diz o que diz e pensa o que pensa, é... (NOLL, 1996, p. 60-61).

Criaturas marginais em confronto, tentativa de criação e construção do próprio eu. Esse narrador de tantas outras identidades, de tantas outras sensações, usa agora essa outra identidade ilusória vivida pelo corpo, pela matéria. No contato físico com a fragilidade corpórea de uma criança, recorda a presença volátil do irmão doente e fora do alcance.

Silviano Santiago (2002) em alusão ao tema do corpo na obra de João Gilberto Noll e usando como ponto de apoio o romance *A fúria do corpo* publicado em 1981, afirma que a linguagem corporal é a tônica ficcional do romancista, a audácia de *A fúria do corpo*,

nelas residem a coragem e a audácia do personagem e do projeto ficcional de João Gilberto Noll: numa sociedade repressiva e conservadora, deixar o corpo rolar com raiva e generosidade (isto é: com paixão) pelos caminhos e vielas de si mesmo, do Outro e da cidade (SANTIAGO, 2002, p. 72).

No romance em questão aparece um corpo livre que se volta contra a ordem instaurada, contra a disciplina e o rigor, ele é grotescamente construído para torna-se a voz que se volta contra os ditames das estruturas repressoras, assim, a narrativa se torna essa outra coisa, porosa, mutilada, impactante. *A céu aberto* segue essa mesma linha, uma voz corporificada pela linguagem e que estando no cerne da narrativa, também é poroso, é excremento, é esperma que fala, é saliva que sai da boca, corpos dentro de outros corpos e que tendem a atingir a superfície liberados por essa porosidade narrativa:

Quando voltei o meu irmão estava diante do fogão aguardando a subida do leite que fervia. Ele vestia uma camisola azulada que lhe vinha até os pés descalços. Transparente a camisola, e do outro lado do tecido fino havia o corpo de uma mulher. Precisaréi romper com esse negocio de pensar nessa figura aí como meu irmão, falei dentro de mim. Cheguei perto e vi que o leite vinha subindo. Virei o botão do fogão, o leite estancou. Perguntei cheirando-lhe o pescoço levemente perfumado se ela andava distraída. Ela suspirou e fingiu que voltava a si. Eu já era um homem apaixonado, ainda mais por saber que aquele corpo percorrera um itinerário tão tortuoso para chegar até ali. Dentro daquele corpo de mulher deveria existir a lembrança do que ele fora como homem, e boliná-lo como eu fazia naquele instante deixava em mim a agradável sensação de estar tentando seduzir a minha própria casa, onde eu encontraria o meu irmão quem sabe em outro momento. Não, o meu irmão não morrera naquele corpo de mulher, ele permanecia lá dentro esperando a sua vez de voltar, e eu beijava um pedaço de seio à mostra e desamarrei a camisola e disse que queria um filho dela e disse que não queria um filho dela, pois que estava bom assim sem filho sem nada, para que uma criança entre nós dois se uma outra poderá ressurgir daí na pele do meu irmão? (NOLL, 1996, p. 76-77).

Esses são os corpos e as identidades que submergem e novamente aparecem na superfície do romance nolliano, personagens que escorrem em forma de excrescência de outros corpos em um eterno devir. Em *A céu aberto*, essa narrativa de corpos esfacelados aparece como o contraponto de uma vida que se tornou líquida e, portanto, incerta e movediça. Esse corpo de mulher que se desdobra também no irmão, esse narrador que é irmão, marido e amante de outro homem. Identidades que vivem os fetiches urbanos, o anonimato de uma sociedade que foi construída tendo como base o discurso criado por um liberalismo instável. Os sujeitos nunca se encontram, estão perambulando sempre a procura de alguma coisa, em busca do próprio eu.

Antônia Cristina de Alencar Pires, ao questionar a identidade em *A céu aberto*, levanta os aspectos relevantes do corpo vinculados diretamente à escrita: nela não existem sujeitos e verdades preexistentes, não há nada além da própria linguagem, a narrativa é o corpo e vice-versa, "ao colar-se à narrativa, o narrador da ficção nolliana aponta a relação entre sujeito e linguagem" (PIRES, 2000, p. 41). Em Noll, esse sujeito se constrói como reverso, como um ser oposto ao convencional, da mesma forma que a narrativa se constrói a partir da margem para o centro, tudo é periférico e está além do visível, está condensado no lado inverso do texto. Nesse sentido, a autora afirma que o narrador tem esse corpo transformado em palavras que se torna totalmente pulsional, move-se de forma frenética a todo tempo e lugar, inquieto e sem destino:

Para esse sujeito errante o corpo é tudo o que lhe restou. É meio e fim. Começa e termina em si mesmo. E, há que se notar, trata-se não de um corpo apolíneo, íntegro, mas de um corpo escavado, sujo, faminto. Produtor e receptor de excrementos. Um corpo entre restos e sobras, entre vômito, fezes, escarro, esperma (PIRES, 2000, p. 42).

Nessa mesma esteira, Nizia Villaça, ao promover um olhar acerca da aparição dos novos sujeitos e subjetividades na literatura brasileira contemporânea, aponta nas narrativas nollianas *Hotel Atlântico* (1989) e posteriormente em *Harmada* (1993), traços de um minimalismo latente diante dos simulacros da vida contemporânea. Para a autora, quando “o mundo, objeto de um possível conhecimento ou recriação, faz falta, se nega a qualquer apropriação. Daí a retomada do eu como tema, não o ‘eu inviolado, poderoso e audaz’, mas o eu como a única coisa real em um meio onde opera a irrealidade” (VILLAÇA, 1996, p. 101-102). Assim, o eu em Noll se mostra um sujeito sitiado que, se visto de uma perspectiva benjaminiana, está solapado de todas as possibilidades, perdeu sua identidade e passou a ser mais um clichê de consumo, em outras palavras, “em Noll, a subjetividade caminha para a neutralização e a autodestruição” (VILLAÇA, 1996, p. 105).

Nesse sentido, tendo como suporte as palavras da autora, pode-se dizer que o narrador nolliano vive a experiência da privação de tudo que advém dos embustes e simulacros contemporâneos. A ele tudo está negado, e, portanto, a única saída é essa experiência mínima de si, experiência essa que, sendo destituída de uma subjetividade, só pode ser experimentada e é aqui entendida como a do corpo, única matéria autêntica que ainda respalda a vivência do sujeito. Dessa forma, se em *Hotel Atlântico* “o personagem narrador permanece colado a percepções e sensações, assediado pelo acaso” (VILLAÇA, 1996, p. 105), o narrador em *A céu aberto* permanece absorto como o próprio acaso, é ele que assedia enquanto corpo na tentativa de experiências sensoriais:

Na parte superior do cartaz, um tosco retrato falado de alguém que poderia passar por mim, verdade: o mesmo formato de rosto, queixo, olhos, nariz. A mulher me mordeu o lóbulo da orelha. Me perguntei para onde eu estava indo. Vi pela janela entrou o clarão de um raio. A trovoadas. A tempestade. No meio da chuva torrencial as monumentais labaredas do que deveria ser um ato terrorista continuavam a arder. Imaginei a manchete e a foto da explosão nos jornais do mundo na manhã seguinte. Me perguntei se para onde eu estava indo havia silêncio consternação júbilo símbolo destino, essas coisas. Ou se para onde eu estava indo não havia nada que eu pudesse ter conhecido até ali, quem sabe? E me senti a flutuar (NOLL, 1996, p. 163).

O corpo acaba por se tornar o responsável pela experiência mínima, a experiência que reduz a subjetividade a simulacros identitários, seja em forma de apologia, negação ou contraste com o universo capitalista.

Ao abordar a questão da corporeidade em *Mínimos, Múltiplos, Comuns* (2003), de João Gilberto Noll, Tânia Teixeira da Silva Nunes afirma: “o corpo é lugar primordial com o mundo, ele é o lugar e o tempo nos quais a existência toma forma através da fisionomia singular de um ator” (NUNES, 2009, p. 40), não sendo somente matéria, ele se desdobra, ou seja, de um lado é a representação corporificada do indivíduo, e de outro, é o sujeito suposto, a fantasia do discurso criada dentro de determinado recorte imaginário, homem e corpo, ambos uma ficção construída por redes simbólicas, entrelaçados como as faces de uma mesma moeda. Para autora, nas narrativas nollianas, “sobretudo, o corpo, espelha na escrita a experiência do lugar onde se encontra, espelha o seu entorno e é palavra em sua rica linguagem” (NUNES, 2009, p. 41). O corpo aquilatado ao valor da palavra, ele é a própria experiência narrativa, é reflexo de seu próprio embate com o mundo e sua realidade aparente:

Na segunda vez em que acordei senti desejo pela minha mulher. Continuava sentado na minha cadeira, e o meu pau agora intumescido. Éramos ali todos tão jovens, se gastava muito tempo em sexo e a gente não se saciava nunca, um dia sim outro também; na altura do ápice das pernas... por ali as coisas estavam sempre querendo mais, não se esqueciam de si como às vezes o estômago, nunca. Cheguei a pensar não ocasião o que seria de mim sem o gosto pelo sexo: não seria então melhor? (NOLL, 1996, p. 121).

O corpo em Noll é esse confronto de experiências que perpassam a própria materialidade corpórea, seus traços são delineados à medida que experimenta os fragmentos e identidades oferecidos pelo templo capitalista das sociedades. De uma perspectiva Benjaminiana, a autora afirma que a experiência vivida em Noll é a da impossibilidade, “os personagens de João Gilberto Noll expressam em seu mundo uma condição humana esvaziada, degradante e em esfacelamento do corpo em diluição” (NUNES, 2009, p. 42).

Sayonara Amaral de Oliveira, em ensaio acerca das representações do corpo sob um enfoque pós-moderno no romance *A fúria do corpo* (1981), afirma que:

Em nome do corpo se promove na narrativa o descentramento do sujeito. A contestação de uma identidade pessoal e a sede do anonimato, constantes no texto de Noll, representam as vias por meio das quais se agencia o deslocamento de uma identidade-homem para uma identidade-corpo. É quando o narrador, empobrecido de experiências passadas, elege o corpo como terreno da sua história, que a narrativa atualiza e completa sua voltagem pós-moderna (OLIVEIRA, 2004, p. 132).

Dessa forma, se de um lado a tradição, dava sentido à narrativa do corpo, de outro existem os pós-humanos, esses outros sujeitos, que nascidos nos espaços contemporâneos procuram outras formas de sentido para ironicamente fazer sentido. Em *A fúria do corpo*, essas configurações de novos sentidos estão calcadas na escatologia, no sujo, na impureza. Escatologia que também extrapola a paisagem narrativa de *A céu aberto* com seu excesso, seus excrementos, atestando assim o valor de identidades impuras no limiar de uma sociedade que assentada no projeto da Modernidade, sempre primou pela ordem e pureza:

A água caía gelada em pingos finos, eu tremia e ouvia a respiração dificultosa do homem que não largava o charuto tão fedorento que talvez neutralizasse pelo menos ao redor dele o cheiro da merda amarelada que eu nervoso tentava extirpar do meio das minhas pernas, até vê-la enfim entrar por um buraco na terra à beira dos meus pés (NOLL, 1996, p. 52).

Os personagens estão permanentemente inadequados a esse projeto, suas experiências escatológicas os empurram para o limiar fronteiro da sociedade, eles são a sujeira que resiste em ser limpa, eles são excluídos que reconhecem a própria exclusão à medida que seus acessos a qualquer dignidade social são vetados. Eles permanecem na margem: “o que me faria (eu pensava com alta palpitação) sair correndo e ir até o buraco debaixo do chuveiro e cuspir lá pra dentro as sobras do esperma velho daquele general que na certa já estaria todo estatelado sobre a cadeira de lona” (NOLL, 1996, p. 53).

Nesse sentido, “a desconstrução da identidade-homem em favor de uma identidade-corpo não culmina na destruição do sujeito, mas na emersão de outras formas do humano” (OLIVEIRA, s/d, p. 137), ou seja, de todas as

subjetividades e identidades negadas ou solapadas pelo discurso hegemônico da cultura dominante, com sua tentativa de ordem e pureza.

As narrativas do corpo em Noll deslocam ainda mais a posição já deslocada dos sujeitos contemporâneos, elas reafirmam o mal-estar latente na fusão entre corpo e mente, e que no caso nolliano, é um corpo fundido e condenado à experiência estética do nomadismo e inadequação.

Corpo esse que, se de um lado se mostra pela fusão entre corpo e alma e, portanto se limita à experiência da carne, de outro, não se mostra só como matéria, mas também como transcendente em seu excesso. Nesse sentido, as experiências corpóreas vivenciadas em *A céu aberto* permitem uma abordagem perpassada pelo erotismo e as reflexões de Georges Bataille (1988). Em Noll, o corpo em sua violência excessiva é transcendente:

Pois era ela, a minha mulher, comigo dessa vez no meu serviço do paiol. Me lembrei do meu irmão que eu tanto costumava pensar como estando dentro dela, submerso para que ela pudesse existir, ali, inteira se oferecendo a mim. Essa criança que viria dali a meses, quem seria afinal? Seria o meu irmão redivivo ou quem sabe o irmão do meu irmão? Em ambos os casos – se tivesse sido o meu sêmen a fertilizá-lo – esse embrião além de filho seria o meu irmão. Que confusão eu tinha na cabeça, seria isso o que chamavam de loucura? (NOLL, 1996, p. 121-122).

As descontinuidades corporais na narrativa de *A céu aberto* buscam fundir-se a outras descontinuidades para atingir uma continuidade que nunca chega, dito de outro modo, para Bataille, “somos seres descontínuos, indivíduos que isoladamente morrem numa aventura ininteligível, mas que tem a nostalgia da continuidade perdida” (BATAILLE, 1988, p. 14). Assim, para Bataille, insurge a experiência do erotismo, quer seja ele vinculado ao corpo, às paixões ou mesmo ao sagrado, não pode ser simplesmente associado aos apelos de uma sexualidade animalizada: “a consecução do erotismo tem por fim atingir o ser no seu mais íntimo cerne, lá onde qualquer palavra ou sentimento são inúteis” (BATAILLE, 1988, p. 15) ou, dito de outro modo, “toda consecução erótica tem por princípio a destruição da estrutura do ser fechado, que é, no estado, normal, um participante da acção” (BATAILLE, 1988, p. 16). O autor abarca aspectos da natureza humana em sua relação direta entre o social e o natural, entre a proibição e a transgressão. O sujeito social está solapado pela linguagem, mas também pelas regras que sancionam suas ações, ditadas pela razão, chave mestra de uma vida organizada dentro e para a comunidade a partir do trabalho, e que se volta contra a violência que o assombra: “o homem identificando-se com a ordenação operada pelo trabalho, separou-se nessas condições da violência, que atuava em sentido contrário” (BATAILLE, 1988, p. 39).

Em Bataille, essa experiência ritualizada do erotismo, é transcendente, pois “a experiência introduz o arbitrário” (BATAILLE, 1988, p. 30), ela deve ser configurada e entendida com uma experiência interior, de libertação, ou seja:

A experiência interior do homem é dada no momento em que, rasgando a crisálida, o homem tem a consciência de se rasgar a si próprio, e não a resistência oposta de fora. Uma imensa revolução se produz quando se é capaz de ultrapassar a consciência objectiva que as paredes da crisálida limitavam (BATAILLE, 1988, p. 34).

Ela é a experiência advinda do excesso, da sobra que reside no embate entre a organização das estruturas do trabalho e a violência que sempre escapa a essas sanções, seja ela configurada pela presença da morte ou do sexo. É

nesse sentido que, grosso modo, se pode falar que no confronto entre proibição e transgressão, a primeira sempre sobrevive à segunda, “como se fosse um meio de fazer abater uma gloriosa maldição sobre aquilo que rejeita” (BATAILLE, 1988, p. 41).

Maurício Liesen (2009), ao refletir acerca de uma comunicação estética ancorada na experiência interior de Bataille, afirma que:

A valorização do logos, em detrimento do pathos, provoca o que ele chama de ‘achatamento do indivíduo’, que sem mais as possibilidades de experiências místicas (fim das grandes utopias e desvalorização dos sistemas religiosos) sente a vontade de se perder, de escapar do isolamento. A busca de experiências-limite, portanto, é uma contestação, que para Bataille está estritamente ligada à liberação do poder das palavras, do discurso (LIESEN, 2009, p. 01).

Essa experiência interior, no limite, é a que surge como comunhão do sujeito e a totalidade das coisas do e no mundo. Assim:

Pensar uma comunicação sensível, sensória, corporal, afetiva e empática, que escapa facilmente às normas discursivas, é pensar em eventos que deslocam nossa capacidade de apreensão, nossa capacidade de nos apossarmos das coisas do mundo como um objeto exterior de conhecimento (LIESEN, 2009, p. 01).

Nesse sentido, a experiência interior e ao mesmo tempo estética vivida pelo narrador e seu corpo em *A céu aberto* abre margem para aquilo que escapa ao entendimento normativo, acaba por dar asas ao insólito. Essa narrativa, moldada sob múltiplos olhares e identidades, atesta a discrepância das experiências de excesso que são talhadas pelo corpo descontínuo na alta Modernidade Líquida:

O sino do meio-dia começou a tocar na torre, nos três demos boas risadas, nos encaminhamos no meio das risadas para o quarto com a cama de casal, o meu e dela, deixamos assim escuro, nos deitamos, minha mulher perguntou qual de nós dois iria plantar a semente da criança ali dentro dali a instantes, eu e ele nos olhamos, suávamos muito como pugilistas antes do último round ele foi nela até o fim, então eu dentro dela também até o fim, a minha mulher se mostrava tão molhada entre as pernas que parecia ter urinado nos lençóis.  
— Se você se emprenhar hoje, nunca saberemos de quem é o filho – disse o rapaz.  
— Faremos um exame – respondi.  
— Não, não gostaria de exame nenhum para conhecer a paternidade, prefiro assim, sempre na dúvida, com isso a criança terá dois pais pelo resto da vida, que bom – ela comentou (NOLL, 1996, p. 109-110).

Absorto de sua situação no mundo, esse corpo se funde a outros corpos, são um entrelaçado corpóreo, buscam a continuidade na fusão da matéria. Esse é o excesso experimentado pelo narrador nolliano, a buscar de sanar sua descontinuidade, seu caminho para a morte, quando seu próprio universo líquido já o empurra nessa direção. Sendo essa sobra, essa materialidade estranha que escapa ao entendimento desse universo que, sob a égide organizacional do trabalho promoveu a coerção dos indivíduos em prol de um mundo racionalmente estruturado, ele é a impureza, o escatológico, o esperma, a saliva e o suor que emana desse emaranhado de corpos, matéria suja que polui a ordem, torna-se corpo transformado em transgressão, violência instintiva e suja contra a asepsia moderna.

Um corpo excremento, um corpo maculado, o narrador começa a quebrar as legitimidades instauradas, ele rompe com tudo e todos, se desloca do mundo,

torna-se errante, não tem religião e não tem pátria, não é ninguém e ao mesmo tempo é um pouco de tudo, suas identidades se multiplicam e são inscritas na carne. Ele se entrega ao gozo corpóreo, mas não busca redenção, apenas vive o instante de forma sarcástica e irônica, mostrando que conhece a ordem instaurada e por isso mesmo a transgride de forma proposital:

Nessa noite, sentado de vigia comi mariposas. Eram tantas que volteavam a lâmpada da entrada do paiol... Algumas vojavam muito perto de mim, e eu às vezes as atacava com minha mão firme e as botava na boca e as mastigava, algumas ainda tremulando de vivas lá na minha língua, e eu as engolia sentindo um gosto acre e aveludado e aquilo ia me ajudando a passar o tempo e me fazia provar sim o conteúdo inóspito da força crua, sem meter panela no meio nem óleo nem tempero. Não era tão ruim aquele gosto, àquela altura já comera umas treze. Vi que o sereno surgia, abracei meu próprio corpo averiguando se dava para me aquecer se mais tarde precisasse (NOLL, 1996, p. 81).

Essa é a corporeidade que transgride e que rompe com aquilo que é imposto e convencionalizado. Tudo se limita a essas experiências imediatas da materialidade, não há sabedoria, memória ou experiências além do instante corporal, essa é a única verdade que esse narrador constrói em seu universo que se converteu em tempestade líquida.

Sua vivência enquanto experimentação dos limites do próprio corpo, esfacela a própria linguagem, seus instantes são epifânicos, subvertem a regra. Ele é esse momento violento que perpassa seu próprio espaço narrativo como essa materialidade que, embora mantida na margem da sociedade, não predisposta a grandes reflexões, apenas capta o instante à medida que evitando a contemplação do mundo, por meio dessa experiência de fundir-se, acaba por se tornar o próprio mundo em que vive, ele é o corpo-mundo. Sua libido aflorada, a sexualidade latente, essa fome do todo, a necessidade de se incorporar ao outro e também de ser incorporado. O narrador em *A céu aberto* renasce a cada nova experiência, abarca sempre uma nova identidade, torna-se um novo ser descontínuo que advém da breve continuidade instaurada com o universo que o rodeia, ele morre em um para sempre nascer em outro, e ainda assim, permanecer transitando pela periferia de uma narrativa que ele mesmo construiu.

Um corpo transformado em narrativa que vive a fugacidade da carne enquanto experiência, e ao fazê-lo, mostra que o mundo permeado pela liquidez tende a se tornar cada vez mais ambíguo e destituído de valores imutáveis, tudo dura somente o instante de seu próprio momento. As relações pessoais, o amor, as promessas de uma relação que interpela por promessas duradouras, duração essa que, no arcabouço contemporâneo já não encontra lugar, "amar significa estar determinado a compartilhar e fundir duas biografias, cada qual portando uma carga diferente de experiências e recordação, e cada qual seguindo o seu próprio rumo" (BAUMAN, 2005, p. 69), ou seja, em um mundo pautado pela velocidade e aceleração do tempo, relações duradouras tendem a ser um acordo com desconhecido.

A globalização atesta a morte do amor romântico e cria um mundo no qual o simulacro da vida mostra relacionamentos interpessoais tratados como mercadoria vendável, de consumo, não podendo durar mais que a fração momentânea da satisfação pessoal. De produtores a consumidores da vida, promessas de prazo eterno que não fazem sentido, pois prometer significa perder, abrir mão de múltiplas oportunidades, sensações e experiências virtuais.

Assim, as relações humanas das sociedades liquefeitas são o reflexo das identidades de sujeitos que se constroem à medida que se definem na interação com o outro, projetam-se no olhar do outro, “precisamos de relacionamentos, e de relacionamentos em que possamos servir para alguma coisa, relacionamentos aos quais possamos referir-nos no intuito de definirmos a nós mesmos” (BAUMAN, 2005, p. 75).

Nas relações e interações acontecem os processos identitários, mas no hoje há uma recusa pelo contato direto, pelos olhares que se cruzam, celulares de conexões virtuais dão aos novos sujeitos a sensação de se estar em contato sem o incômodo de se estar perto demais. Amores e identidades fluídos. O homem tem o direito de escolher seguir adiante, mas não tem o direito da escolha quando se trata de parar e travar relações sólidas, a vida corre atrás dos ponteiros de um relógio que anda cada vez mais rápido.

O mesmo vale para as relações que os indivíduos da vida líquida travam com o sagrado, um sagrado já relativizado. O homem contemporâneo não se sente mais uma fagulha diante do universo, Deus está ausente e cabe à ciência o papel de explicar as coisas do mundo, não existe predestinação transcendental. O sagrado e suas raízes eternas foram fragmentados em pequenos pedaços, ou seja:

A estratégia moderna consiste em fatar os grandes temas que transcendem o poder do homem em tarefas menores que os seres humanos podem manejar (por exemplo, a substituição da luta inglória contra a morte *inevitável* pelo tratamento eficaz de muitas doenças evitáveis e curáveis). Os ‘grandes temas’ não foram resolvidos, mas suspensos, postos de lado, removidos da ordem do dia. Não bem esquecidos, mas raramente lembrados. A preocupação com o ‘agora’ não deixa espaço para o eterno nem tempo para refletir sobre ele (BAUMAN, 2005, p. 79).

A eternidade não cabe em uma sociedade líquida, tudo que dura tende a se tornar ultrapassado. No hoje, a única entidade que visa à eternidade é a existência humana, há uma necessidade obsessiva de se estender a vida material.

É nessa perspectiva que *A céu aberto* se converte nesse grande vórtice líquido, no qual os sujeitos se flexibilizam à medida que transitam em múltiplas escolhas identitárias buscando formas de encontrar a própria imagem ou simplesmente buscando pertencimento e aceitação. Não sendo uma narrativa vista nas esteiras do convencional, se mostra como um projeto que fere diretamente os valores das sociedades capitais. Um narrador que se constrói como sujeito por meio de várias identidades, todas feitas como um composto de linguagem, mas quando a voz se cala e não consegue externar o insólito da vida, ele passa a falar com o corpo, matéria porosa, sensorial, que experimenta e se atreve a quebrar tabus, desafiar o que o olhar do outro impõe. Uma voz materializada que anda errante nas malhas da narrativa nolliana e que apenas sente:

Eu naquele momento estava sendo com o filho de Artur como o lagarto era comigo quando me olhava na noite e só, sim eu espalmei a mão na bunda do garoto, ele quis reagir notei na respiração quase arrebatando, depois foi lhe caindo uma resignação diante do fato de estar sendo bolinado por mim na nádega, depois começou a gotejar pela cara e pescoço um suor cheirando, penetrante, depois as nossas roupas rasgadas a dele e a minha, a mesma fúria: cuspi fundo na palma da mão, untei meu pau de saliva, o pau entrou de um golpe, o rapaz berrou, a cotovia a coruja o quero-quero carpideiro, tudo isso respondeu aos berros, esqueci não quis saber só tinha ouvidos para o

meu próprio ronco, côncavo, interno, avarento, miserável e só (NOLL, 1996, p. 105).

Experimentando e explorando as possibilidades do corpo, não se mostra heterossexual, *bi* ou *gay*, mas flui nas dobras corporais do outro e do eu. E nesse ponto, a narrativa se mostra não como uma paródia ou pastiche daquilo que pode ser aceito, pois “a escrita de Noll é celebrativa, litúrgica, e faz da sexualidade – ou, no caso, da homossexualidade – um interpretante da condição humana” (PINTO, 2004, p. 120). Assim, o sexo é para o narrador nolliano, o ponto de morte e nascimento de suas identidades caleidoscópicas.

Essa condição dos sujeitos humanos da contemporaneidade pode ser vista como essa que aparece na narrativa nolliana e que se mostra nas discussões de Zygmunt Bauman acerca da modernidade líquida e suas consequências nas subjetividades humanas. O sexo aparece em Noll não como apologia ou tema panfletário do universo *gay* contra o preconceito, mas como reitera Pinto (2004), serve-se desse olhar preconceituoso para colocar em evidência os rejeitados e tantos outros que sofrem na pele a inadequação social delimitada pelo olhar do outro. Quando o corpo fala pelo seu gozo silencioso ele se torna um exercício de liberdade.

A voz desse narrador não se cala, aparece sob todas as formas e olhares em *A céu aberto*. Nesse sentido, sob a perspectiva líquida, a narrativa se mostra como um romance que extrapola as expectativas e vai além, não permite enquadramentos, apenas flui.

Sandro Adriano da Silva (2010) ao lançar o olhar acerca da homossexualidade latente nas narrativas de João Gilberto Noll e explorar o romance *Acenos e Afagos* (2008) sob o respaldo da teoria *Queer*, mostra que a narrativa nolliana vai além do que se propõe na panfletagem homoerótica explorada pelo olhar burguês, ela se mostra subversiva, profunda. Sob uma perspectiva de fluidez, o sexo em todos os seus desdobramentos e tabus em *A céu aberto*, extrapola o limite e o próprio *Queer*. A sexualidade pulsante vivenciada pelos personagens do romance transforma-os em indivíduos deslocados do mundo, representantes de uma condição humana para a qual todos os papéis sociais são negados. Assim, há sempre o veto para aqueles que não podem delinear uma subjetividade nos moldes capitalistas e movediços do universo contemporâneo. Como afirma Treece:

Para Noll, na pior das hipóteses o encontro sexual expõe a absorção do indivíduo na sua condição material feita de atos mecânicos e alienados, enquanto na melhor das hipóteses ele chega a ser a expressão da revolta contra a realidade mesquinha circundante, a afirmação das possibilidades as mais primordiais imanentes em todo o ser humano, e a forma menos filtrada e mais essencial do contato com o outro e com o mundo. (TREECE, 1997, p. 13).

## Considerações finais

Não tentando esgotar o assunto, diante da complexidade das teorias até aqui expostas e acerca da condição do narrador anônimo do romance *A céu aberto* com sua vida camaleônica pautada em tantas perspectivas identitárias, pode-se perceber que sua vivência fluída e nômade se mostra fragmentada e insatisfatória, ele está esfacelado e minimizado unicamente à experiência do corpo:

Quando eu próprio gritei enfim olhei para o meu púbis e o vi todo banhado em sangue, no começo não entendi, mas logo me dei conta de que eu arreventara o cu do garoto que na certa não era dado a permitir que enfiassem aquelas rijas postas de carne pelo seu ânus, mas a verdade era que ele agora não mais emitia expressão de dor, vi que tirava completamente a roupa para entrar no rio em silêncio, como se fosse limpar o estrago com merecido estoicismo, tratar do que acontecera exatamente como tinha de ser, despedido de qualquer lamento... (NOLL, 1996, p. 105-106).

A narrativa nolliana amplia o colapso de um regional que se tornou universal, um narrador inominado que reflete o mal-estar das sociedades mercadológicas do capitalismo tardio. As subjetividades estão fragmentadas, a ele nada resta senão a única matéria que ainda o legitima enquanto possível sujeito, sua corporeidade, ou dito de outro modo, sua experiência advinda da carne.

O narrador em *A céu aberto* traz à tona o corpo como materialidade arqueada, corpo inapto e poroso, expurgo social, ele é excesso, a saliva e o esperma que deturpa a ordem. Um corpo linguagem materializado em corpo-mundo, em sua voz ressoa o eco da contemporaneidade. Os excessos corporais no romance nolliano, longe de buscar ou denunciar rótulos e clichês, promovem um rito de liberdade, um exercício da própria condição humana diante do fragmento subjetivo, ritual que transforma o excluído em linguagem, que expõe a condição daqueles que permanecem à margem, já que não se inserem na aldeia global devido a sua inadequação capital.

Dessa forma a narrativa nolliana brinca com múltiplas vestes identitárias e corporais, o narrador é polivalente, é criança-corpo, homem-corpo, sexualidade transfigurada em corpo, corrupção do gênero constituído, não existe macho ou fêmea, existe apenas o corpo enquanto única experiência substanciada e sacralizada na sujeira, ele se constrói justamente no excesso e na deturpação do convencional. Nesse sentido, em Noll, a própria narrativa torna-se esse corpo movimento, cristaliza o mal-estar de um nomadismo errante, é representação de um tempo que atesta a crise das grandes narrativas e revela o narrar de novas formas de existência, ainda não legitimadas pelo social, mas já tatuadas na epiderme desse corpo metamorfoseado em linguagem.

HARTMANN, G. *A céu aberto* written by João Gilberto Noll: narrative identity, body's biography, transgression and subjectivities. **Olho d'água**, São José do Rio Preto, v. 2, n. 1, p. 172-193, 2010.

## Referências

AJZENBERG, B. '*A céu aberto*' é radical. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 09/nov./1996, p. 04-07, 1996. Disponível em: <<http://www1.uol.com.br/cgi-bin/bibliot/arquivo.cgi?html=fsp1996&banner=bannersarqfolha>>. Acesso em 20/03/2010.

BATAILLE, Georges. *O erotismo: o proibido e a transgressão*. 3. ed. Trad. João Bénard da Costa. Lisboa: Edições Antígona, 1988.

BAUMAN, Z. *Identidade*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CARREIRA, S. S. G. *A céu aberto: a poética da transgressão*. **LUCERO - A Journal of Iberian and Latin American Studies**, Berkeley, UC, v. 11, p. 42-51, 2000. Disponível em: <<http://www.joaogilbertonoll.com.br/est9.htm>>. Acesso em 25/07/2010.

EAGLETON, Terry. *As ilusões do pós-modernismo*. Trad. Elisabeth Barbosa. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LIESEN, M. Por uma comunicação estética: Bataille e a experiência interior. **Verso e Reverso - Revista da Comunicação**, São Leopoldo, n. 56, 2009. Disponível em: <[http://www.unisinos.br/\\_diversos/revistas/versoereverso/index.php?e=17&s=9&a=140](http://www.unisinos.br/_diversos/revistas/versoereverso/index.php?e=17&s=9&a=140)>. Acesso em 23/08/2010.

NOLL, J. G. *A céu aberto*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

\_\_\_\_\_. *A fúria do corpo*. Rio de Janeiro: Record, 1981.

NUNES, T. T. S. *Experiências do corpo e a explosão do avesso em João Gilberto Noll*. 2009. 178f. Dissertação. (Mestrado em Estudos de Literatura) - Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <<http://www.joaogilbertonoll.com.br/mestrado22.pdf>>. Acesso em 16/07/2010.

OLIVEIRA, S. A. João Gilberto Noll: narrativa pós-moderna, corpos pós-humanos. In: BLANCO, R. H.; SILVA, M. R. S. (Org.). *Estampa de Letra: literatura, linguística e outras linguagens*. Salvador: Quarteto, 2004, p. 125-140. Disponível em: <<http://www.joaogilbertonoll.com.br/noll1.pdf>>. Acesso em 23/06/2010.

PERKOSKI, N. *A transgressão erótica na obra de João Gilberto Noll*. Santa Cruz do Sul: Editora da UNISC, 1994.

PINTO, M. C. *Literatura brasileira hoje*. São Paulo: Publifolha, 2004.

PIRES, A. C. A. Errância: transgressão (memória e identidade em *A céu aberto*). In: MENDES, L. B. (Org.). *Memórias do presente: ensaios de literatura contemporânea*. Belo Horizonte: Pós-Lit/FALE/UFMG, 2000. p. 39-51.

SANTIAGO, S. O Evangelho segundo João. In: *Nas malhas da letra*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002. p. 72-78.

SANTOS, C. D. Ser escritor. In: DEALTRY, G.; LEMOS, M.; CHIARELLI, S. (Org.). *Alguma prosa: ensaios sobre literatura brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007. p. 39-51.

SILVA, S. A. *Acenos e afagos: o romance queer de João Gilberto Noll*. 2010. Dissertação. (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2010.

TREECE, D. Prefácio. In: NOLL, J. G. *Romances e contos reunidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 07-16.

VILLAÇA, N. *Paradoxos do pós-moderno: sujeito & ficção*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1996.